



**MODALIDADES ESPORTIVAS COLECTIVAS.  
DANTE DE ROSE JR. SAN PAULO BRASIL  
GUANABARA-KOOGAN. 2006.**

O livro “Modalidades esportivas coletivas” é uma obra que descreve e discute o complexo universo dos esportes coletivos. Escrito por 25 autores, os 15 artigos desse livro podem ser agrupados em torno de três subgrupos: a caracterização histórica, organizacional e conceitual dos aspectos que constroem e definem a busca pelo rendimento nas modalidades esportivas coletivas (MEC); a caracterização das cinco mais praticadas MEC no Brasil; e por fim, uma discussão sobre a iniciação esportiva.

A caracterização histórica, organizacional e conceitual dos aspectos que constrói o rendimento nas MEC é o primeiro assunto abordado no livro organizado por De Rose Jr. O primeiro capítulo do livro, “As modalidades esportivas coletivas (MEC): história e caracterização”, de De Rose Jr & Silva, apresenta a trajetória das MEC até sua inclusão nos Jogos Olímpicos de Verão. A caracterização como uma modalidade coletiva organizada promoveu o seu reconhecimento na sociedade, favoreceu sua institucionalização, e até tornou o esporte um objeto de uso político. A caracterização das MEC também pode ser feita por meio da sua classificação, baseada em critérios como a) forma de envolvimento dos participantes (individual, coletiva, de combate, e ao ar livre); b) o efeito proporcionado pela execução da modalidade no praticante (de combate, com bola, atléticas e gímnicas, natureza, e mecânica); c) da complexidade do movimento e da manipulação dos acessórios esportivos (domínio dos deslocamentos, do próprio corpo, dos objetos, e do conhecimento

do oponente); d) da complexidade estrutural da tarefa esportiva (aberta e fechada); e e) pelo uso do espaço e pela forma de participação dos jogadores. E as MEC podem também ser caracterizadas pela a estrutura funcional, ou seja, a forma na qual se desenvolvem as relações de ataque/defesa e cooperação/oposição.

A forma de organização dessas relações constitui um aspecto de destaque nas MEC e tem base nas capacidades individuais. A partir delas sobressai a importância da preparação para a modalidade específica e apóia os pressupostos adequados para o desenvolvimento técnico, tático e estratégico esportivo. O pleno desenvolvimento desses três temas na MEC depende do nível de capacidade individual. O destaque merecido das capacidades individuais acontece nos capítulos 3 (Capacidades cognitivas nas modalidades esportivas, escrito por Bianco) e 6 (Avaliação das capacidades motoras nas modalidades esportivas coletivas, escrito por Tricoli, Ugrinowitsch & Franchini). Nesses capítulos, o comum é a conceituação do conjunto de capacidades em evidência e o seu papel no rendimento esportivo. Enquanto na discussão das capacidades cognitivas é enfatizada a sua importância na técnica e tática; a discussão das capacidades motoras aborda a sua aplicabilidade dos testes.

O aperfeiçoamento das capacidades individuais e o seu aproveitamento para o desempenho coletivo é o ponto central da discussão dos capítulos 4 (Estratégia, tática e técnica nas modalidades esportivas coletivas: conceitos e aplicações, escrito por Lamas & Seabra) e 5 (Analisar o jogo nos esportes coletivos para melhorar a *performance*. Uma necessidade para o processo do treino, escrito por Tavares). A base para a construção da estratégia, tática e técnica nas modalidades esportivas nasce na informação. A coleta da informação e posterior análise para a aplicação na melhora do desempenho de uma equipe esportiva se destacam como importantes tarefas de um treinador esportivo. O uso da informação direciona a prática para a competição. Mas o método de coleta de dados sofre o viés da interpretação subjetiva e da parcialidade do conteúdo. A evolução dos sistemas de registro reduz essas dificuldades e proporciona um melhor direcionamento futuro na modalidade esportiva. Consequentemente, o desenho estratégico, tático e técnico pode evoluir consideravelmente.

O uso da informação se desenvolve no treinador e no jogador, e ambos trabalham na busca de soluções para resolver um problema identificado durante o jogo. No jogador, as respostas surgem por meio de ações automatizadas, ou decididas de forma consciente, mas ainda assim dependentes da capacidade intelectual de sintetizar as informações sensoriais do corpo e do ambiente em ações motoras direcionadas a uma meta. Este é o destaque da técnica. Por outro lado, o uso da informação também abastece o embate das equipes em oposição, seja ela feita de forma individual ou coletiva, e constrói o conceito da tática.

Os diversos elementos essenciais na técnica, tática e estratégia não podem ser vistos de forma isolada. Contudo, o nível de significado e organização de cada elemento é

diferente e uma abordagem abrangente implica em um considerável aumento da complexidade. Não é por acaso que a escolha de uma abordagem teórica capaz de estudar simultaneamente um grande conjunto de elementos se destaque quando se busca a ciência da técnica, tática e estratégia. Esta discussão tem início no capítulo 4, e é aprofunda no capítulo 2 (Esportes coletivos: alguns desafios quando abordados sob uma visão sistêmica, escrito por Tani & Corrêa), quando o esporte coletivo é tratado como um sistema, cuja principal característica é a manifestação, enquanto um coletivo de elementos, de propriedades emergentes ausentes nas propriedades individuais. Isso sobressai da interação dos elementos e tem significado particular para o embate esportivo. A organização de cada equipe é mutuamente afetada e demanda a percepção do treinador para a escolha adequada das decisões. Assim, a percepção do estado do jogo não é simples porque depende do nível dos elementos envolvidos e como se comportam e se auto-organizam.

O segundo agrupamento de capítulos circunscreve um conjunto de MEC que são muito difundidas e praticadas no Brasil, a saber: basquetebol (capítulo 9, Modalidades esportivas coletivas: o basquetebol, escrito por De Rose Jr), futebol (capítulo 10, Modalidades esportivas coletivas: o futebol, escrito por Cortez), futsal (capítulo 11, Modalidades esportivas coletivas: o futsal, escrito por Barros & Cortez), handebol (capítulo 12, Modalidades esportivas coletivas: o handebol, escrito por Simões) e voleibol (capítulo 13, Modalidades esportivas coletivas: o voleibol, escrito por Ugrinowitsch & Uehara). Em cada modalidade, os respectivos autores desfilam os conceitos básicos, os fundamentos técnicos básicos, as capacidades de destaque para o bom rendimento na modalidade, e os principais aspectos técnicos e táticos. Mas este não é o único elo de ligação entre os capítulos deste segundo agrupamento. Um tema em comum os une e não tem relação com o rendimento. A lesão esportiva se destaca no capítulo 7 (Epidemiologia das lesões nas modalidades esportivas coletivas, escrito por Tadiello e De Rose) e fecha o círculo formado pelas mais comuns MEC.

A epidemiologia das lesões associadas à prática do futebol, futsal, voleibol, handebol e basquetebol é o foco do capítulo 7, com a apresentação do índice de lesões em cada modalidade a cada 1000 horas de prática da modalidade, assim como a indicação das principais partes do corpo que são mais afetadas pelas lesões esportivas.

O terceiro grupo de capítulos discute a iniciação esportiva na infância e adolescência. Enquanto Greco & Benda (capítulo 14, Iniciação aos esportes coletivos: uma escola da bola para crianças e adolescentes) apresentam uma proposta de intervenção profissional para a formação esportiva, Korsakas et al. (capítulo 15, Programas de formação nas modalidades esportivas) apresentam uma comparação de três experiências distintas na formação desportiva.

A fundamentação para a proposta de um programa de treinamento esportivo tem gênese no descontentamento autoral no contexto de muitos programas de treinamento

que se baseiam na execução de ações estereotipadas. Tal proposta se apresenta como a oportunidade para favorecer a formação a partir da prática consciente das MEC e para desenvolver o potencial motor individual. Os níveis de envolvimento e capacitação esportiva gradativamente levam ao aperfeiçoamento da técnica, mas sem necessariamente provocar no indivíduo a especialização precoce, que é tão marcante no modelo de preparação esportiva que essa proposta se rivaliza.

Finalmente, a descrição de três programas de formação desportiva são alvo do último capítulo do livro editado por De Rose Jr. O primeiro programa é o Projeto Esporte talento, coordenado pelo Instituto Ayrton Senna e pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP). A meta deste programa é oferecer a prática de diversas modalidades esportivas para desenvolver o potencial esportivo infanto-juvenil, pontuado pela necessidade simultânea de favorecer a formação integral da pessoa. O segundo programa é o desenvolvido junto a uma associação universitária, e é totalmente organizado por uma entidade civil e privada. O programa gerenciado pela Med Sport Escola de Esportes também é desenvolvido em instalações da Universidade de São Paulo (USP), no caso, nas instalações esportivas da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da USP. A base da proposta desta entidade também se baseia na formação integral do indivíduo, por meio da educação por meio do esporte. Ao estimular o jovem a prática esportiva diversificada, propõe-se a oportunidade para a incorporação do gosto pela prática física e esportiva e a noção dos seus benefícios para a qualidade de vida individual e coletiva. O programa Finasa Esportes é o terceiro a ser detalhado no capítulo 15. Este programa nasceu na estratégia de marketing empresarial associado ao patrocínio de uma equipe esportiva de alto nível, e se baseia na massificação da prática esportiva para a formação de equipes adultas de alto nível de competitividade para a difusão do esporte e da marca do programa no Brasil. Apesar de ser uma proposta com claros objetivos mercadológicos, a proposta pedagógica do programa não esquece da necessidade de formação integral do ser humano. Desta forma, usa-se o próprio modelo do esporte como um modelo pedagógico para apresentar a criança comportamentos éticos como cooperação, disciplina, respeito, tolerância e respeito às regras. Diferente dos dois programas anteriores, este programa também vislumbra uma possível formação profissional associada a prática esportiva, mesmo quando o jovem não se destaca como um exímio praticante.

Luis Mochizuki

*Coordenador do Curso de Ciências da Atividade Física da  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo*